

Convite à leitura

Dossiê: Educação em prisões: experiências educativas, formação de professores e de agentes socioeducativos

Desde o encerramento da chamada para esse dossiê sobre educação em prisões, no final de julho 2020, já se passaram oito meses e estamos na segunda ou terceira onda da COVID-19. Na maioria das unidades penais e centros de socioeducação, as atividades educacionais continuam suspensas embora haja um número crescente de projetos apelando para os meios digitais para dar continuidade às atividades buscando diminuir o risco de contaminação do vírus junto à comunidade carcerária e aos profissionais da educação que trabalham no espaço prisional ou atuam como voluntários.

Apesar da dimensão trágica da pandemia, esse período totalmente atípico nos propicia a oportunidade de dar um passo para trás e examinar as nossas vidas e as nossas práticas educativas com mais objetividade e talvez mais humanidade. Enfatizamos tanto a dimensão de humanização no processo de educação em prisões, às vezes esquecendo que o ato de aprender faz parte do processo de humanização de todos os seres humanos. Considerar que somente pessoas privadas de liberdade precisam de humanização reforça o estereótipo que toda pessoa privada de liberdade é essencialmente um bandido. A conjuntura atual nos revela com muita nitidez a falta de humanidade em nossa sociedade atual e em nossas relações sociais e socioambientais.

O relatório de 2020 da Pastoral Carcerária, intitulado ***A pandemia da tortura no cárcere*** descreve o cárcere como “uma forma velada e ao mesmo tempo extremamente sutil e eficaz de tortura” e compara as prisões brasileiras aos campos de extermínio “onde diariamente se sacrificam vidas e seres humanos à economia de rapina” (p.11). Ao citar a segunda Carta Encíclica *Laudato Si*, do Papa Francisco, destaca o conceito da “ECOLOGIA INTEGRAL”, que exige o cuidado com o ambiente como “CASA COMUM” que incorpora a questão social, o ambiente, os seres e as realidades que dele participam, além evidentemente da natureza. Uma análise mais objetiva da pandemia causada pelo Sars-Cov-2 deixa clara que não existem duas crises separadas – uma ambiental e outra social – “mas uma única e complexa crise socioambiental”. Nesse sentido, o relatório da Pastoral conclui que “o cárcere na sua expressão é a manifestação de uma crise socioambiental (...), acentuando sua forma torturadora e desumanizante que rasteja no pensamento e nas atitudes farisaicas e moralistas de nossa época” (p.13).

Assim, os artigos apresentados nesse dossiê sobre as diversas expressões de prática educativa no cárcere e sobre a formação de educadores e agentes educativos para esse contexto servem, na sua maioria, como referência de como era antes da chegada da COVID-19. Mesmo sabendo que a pandemia e o fechamento do sistema prisional como medida preventiva

pouco terão modificado o contexto interno das unidades penais, que o relatório da Pastoral Carcerária descreveu nesses termos:

Mais de 800 mil pessoas presas, homens e mulheres que vivem e dividem suas celas com bactérias, mosquitos transmissores, tuberculose, AIDS, várias espécies de hepatite, ratos, baratas, esgotos a céu aberto, celas sujas, úmidas, fedorentas, alimentos estragados ou mal cozidos, dentre tantos outros problemas estruturais. Tudo isso consolida a fragilidade e a avilteza da imunidade fisiológica e da condição de saúde, em geral, da pessoa presa. E agora convive-se com o Coronavírus (p.19).

Sabemos que não vamos poder voltar, saudosamente, para o que era antes. E isso não se restringe a discussões sobre as estratégias de entrega de conteúdos pedagógicos – ensino presencial, ensino remoto, blended learning, educação a distância etc. As decisões a serem tomadas são muito mais profundas e complexas.

De um lado, a crise socioambiental não é uma questão que pode ser deixada para os ambientalistas ou para os políticos. Constitui entre os maiores desafios dos nossos tempos para o qual a educação e, em especial, a educação de jovens e adultos tem um papel fundamental a desempenhar. Ao mesmo tempo, tudo indica que essa não será a última pandemia. As nossas memórias são convenientemente curtas, e poucas referências se faz à pandemia do H1N1 em 2009, mesmo sendo bem menos letal que o atual Sars-Cov-2, e das sucessivas epidemias de dengue, Zika, Chikungunha, febre amarela, tuberculose, sarampo etc. A falta de preparo educacional e informacional das pessoas sobre como assumir um nível básico de responsabilidade para com a sua saúde individual, coletiva e comunitária tem sido gritante. Em geral as nossas políticas públicas de saúde dedicam a maioria dos seus orçamentos para medicina curativa e não para medicina preventiva (LOPES, 2018). Assim, a questão da saúde coletiva da população carcerária não é somente uma questão de política pública de saúde mas também de educação.

Discussões sobre o vírus e suas implicações, disponibilizando conhecimento científico sobre a doença e sobre como nos proteger são todos assuntos essenciais. No entanto, precisamos também relacionar isso à questão de mudança climática e como aquela impactará em nossas vidas e para a questão igualmente importante da democracia e governo democrático. A sociedade se baseia numa série de pesos e contrapesos. A EJA pode fazer parte desses pesos e contrapesos ao formar cidadãos críticos e questionadores para participar ativamente da sociedade (IRELAND, 2020). Claramente, a prática de educação intramuros terá que pensar a sua função em relação à formação para a cidadania participativa e crítica extramuros. Senão, continuaremos nos enganando e enganando as presas e os presos, ao prometer que a educação possui o poder de emancipar e empoderar.

Concluo o convite para ler essa importante contribuição à literatura sobre educação em prisões, reforçando o apelo da Pastoral Carcerária que “É urgente revisar as estruturas institucionais, modificar condutas e,

IRELAND, T. D. *Convite à leitura*.

Dossiê Educação em prisões: experiências educativas, formação de professores e de agentes socioeducativos.

primordialmente, desencarcerar. Afinal, não há como se ter cuidado sem liberdade” (p.135).

Referências

IRELAND, Timothy Denis. Mesmo em tempos de COVID-19, não dá para lavar as mãos de Paulo Freire. **Retratos da Escola**, v. 14, p. 427-441, 2020.

LOPES, Henrique. De qué manera la educación de adultos puede salvar tu vida. In: **Revista Educación de Adultos y Desarrollo**, No. 85 - Papel y impacto de la educación de adultos. DVV International, Bonn (Alemanha), 2018.

PASTORAL Carcerária. Relatório: **A Pandemia de Tortura no Cárcere**. Pastoral Carcerária, 2020.

Timothy D. Ireland
João Pessoa, março de 2021.